

INTERVENÇÃO URBANA COMO EXERCÍCIO DE ARQUITETURA E URBANISMO

INTERVENCIÓN URBANA COMO EJERCICIO DE ARQUITECTURA Y URBANISMO

URBAN INTERVENTION AS AN ARCHITECTURE AND URBANISM EXERCISE

Procedimentos projetuais inovadores

Carla Paoliello

Doutora em Engenharia de Estruturas e Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais

Luílla Nayara Pereira Gomes

Aluna do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais

Resumo: O artigo explora a realização de uma intervenção urbana como exercício de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais - CAU / Unileste. O projeto inicia-se através do mapeamento local, suas exigências e usuários, seu desenvolvimento apresenta a relação entre teoria e prática. A intervenção urbana parte das pesquisas e apresenta modificações espaciais, ressaltando deslocamentos e modos de vida. Descondicionando particularidades, as ações também refletem necessidades, coletividade, discursos e reflexões sobre a cidade e seus usuários. Com este exercício, coloca-se em prática novas possibilidades de atuação na esfera urbana apresentando a profissão para alunos do primeiro período do curso.

Palavras-chave: Prática de Ensino, Intervenção Urbana, Mapeamento.

Resumen: *El artículo analiza la realización de una intervención urbana como un ejercicio de Arquitectura y Urbanismo del Centro Universitario do Leste de Minas Gerais - CAU / Unileste. El proyecto se inicia mediante el estudio de la zona, sus exigencias y la asignación de usuarios locales. Su desarrollo expresa teorías y prácticas. Descondicionando particularidades, las acciones reflejan las necesidades, colectividad, discursos y reflexiones sobre la ciudad y sus usuarios. La intervención urbana empieza en la investigación y presenta modificaciones espaciales, destacando el desplazamiento y modos de vida. Con este ejercicio, se ponen en marcha nuevas posibilidades de actuación en el ámbito urbano presentando la profesión a los estudiantes del primer año del curso.*

Palabras clave: *Enseñanza Práctica, Intervención, Cartografía Urbana.*

Abstract: *The paper explores the realization of an urban intervention as an exercise of Architecture and Urbanism of the Centro Universitario do Leste de Minas Gerais - CAU/Unileste. The project begins by mapping local users and their requirements. It expresses its theories and practices. Reviewing particularities, the interventions reflect needs and collectivity reflecting the city and its users. The urban intervention starts from a research and it presents its spatial modifications, highlighting displacement and livelihoods. With this exercise, we put in place new possibilities for action in the urban sphere presenting the profession to students in their first school's semester.*

Keywords: *Teaching Practice, Urban Intervention, Mapping.*

INTERVENÇÃO URBANA COMO EXERCÍCIO DE ARQUITETURA E URBANISMO

INTRODUÇÃO

O Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais está localizado no campus de Coronel Fabriciano, região do Vale do Aço. O desenho original do currículo e da proposta pedagógica foi elaborado no início do ano de 2000. Para este propósito, foram utilizadas algumas referências como a pioneira escola modernista Bauhaus, das quais se colheu o espírito experimental e a interface com outras disciplinas, principalmente com a arte. Outro ponto importante percebido no projeto pedagógico do curso era a inserção do contexto local no cotidiano do curso, tomando a região como laboratório para análise e experimentações, descobrindo seus potenciais e constrictões de desenvolvimento.

No primeiro período do curso, são apresentados exercícios nos quais o aluno deve se mostrar apto a compreender e traduzir as complexidades da sociedade em que vive, usando de conceitos da arte contemporânea para desenvolvimento de seus trabalhos.

A disciplina de Estúdio I é a primeira na área de Projeto e Planejamento Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico. Sua ementa determina a sensibilização do aluno mediante seu contato com o universo das artes, da estética, da arquitetura e do urbanismo, e visa despertar o espírito crítico e investigativo do espaço construído, acerca das relações existentes entre o território e seu habitante, numa busca da compreensão desta complexidade.

Um exercício desta disciplina é a proposição de uma intervenção urbana. O objetivo principal é descondicionar e deslocar a percepção do aluno sobre a realidade imediata, despertando sua capacidade crítica e inventiva, além de sensibilizá-lo para a experimentação ativa do espaço, pesquisando valores, transformando e reinterpretando normas e gerando possibilidades originais.

Apresentar esta experiência é a proposta deste artigo. Espera-se, ao final, demonstrar que, quando a arquitetura e o urbanismo está inserida dentro de um processo cultural, é possível transformar efetivamente a realidade das cidades, mesmo que de forma sutil e mínima.

MAPEAMENTOS E INTERVENÇÕES

Transformar as propostas didáticas adotadas no ensino superior de Arquitetura e Urbanismo, a partir da criação de novas estratégias educacionais, mais críticas e experimentais, é fundamental para que o arquiteto e urbanista possa se tornar menos um reproduzidor da lógica atual das cidades e mais um inventor de novas espacialidades potentes de características singulares e inovadoras. Este é o desafio que o CAU / Unileste busca responder.

No primeiro momento do curso, apresenta-se ao aluno a compreensão da arquitetura e do urbanismo como um fenômeno cultural amplo, ou seja, que a construção do meio ambiente é o resultado de um processo no qual o ser humano realiza seus valores culturais e simbólicos, procurando atender às várias necessidades sociais, individuais e/ou coletivas.

Neste momento, um exercício proposto é o da realização de uma intervenção urbana. Após o lançamento do exercício e seus objetivos, introduz-se conceitos com aulas teóricas e seminários, iniciam-se pesquisas individuais e coletivas orientadas e estudos de casos para o desenvolvimento do trabalho.

O primeiro passo para entendimento da realidade dada (um local que é sempre escolhido pela equipe de professores) é o mapeamento individual e em grupo. Uma determinada área na cidade passa a ser o objeto de estudo e é avaliada por toda a sala. Mapear evidencia as potencialidades e cria os mecanismos de conhecimento do local para exercer futuras instalações como forma de modificar e questionar o espaço.

São apresentados diversos textos para embasamento teórico como “Caminhadas pela Cidade” de CERTEAU (2000), “São Paulo na Linha” de CAFFÉ e BEIGUELMAN (2000) e vários outros da revista Urbânia 3. Com as visitas ao local, o aluno conhece o espaço, seus usuários e potencialidades. Os mapeamentos apresentam a realidade e as análises feitas pelos alunos que usam de fotos,

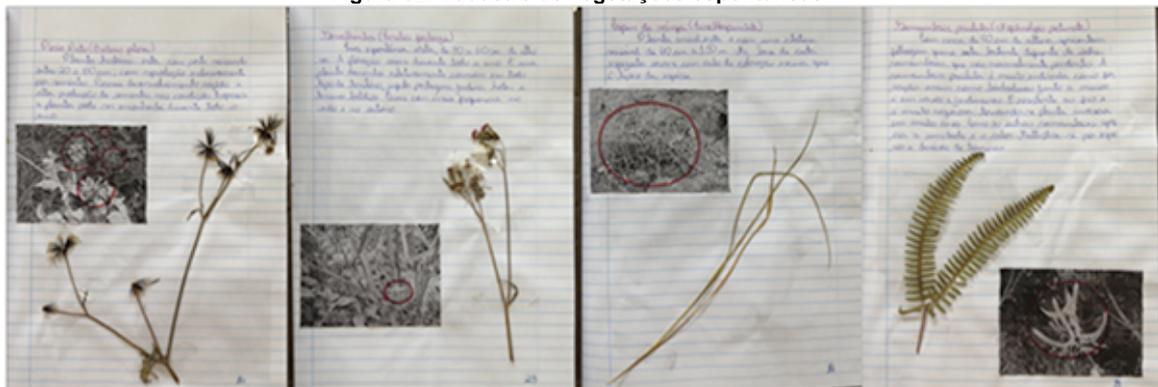
desenhos, montagens e outras maneiras de expressão como ilustrado nas figuras de 01 a 04.

Figura 01: Mapeamento de calçadas, avaliação entre público e privado.



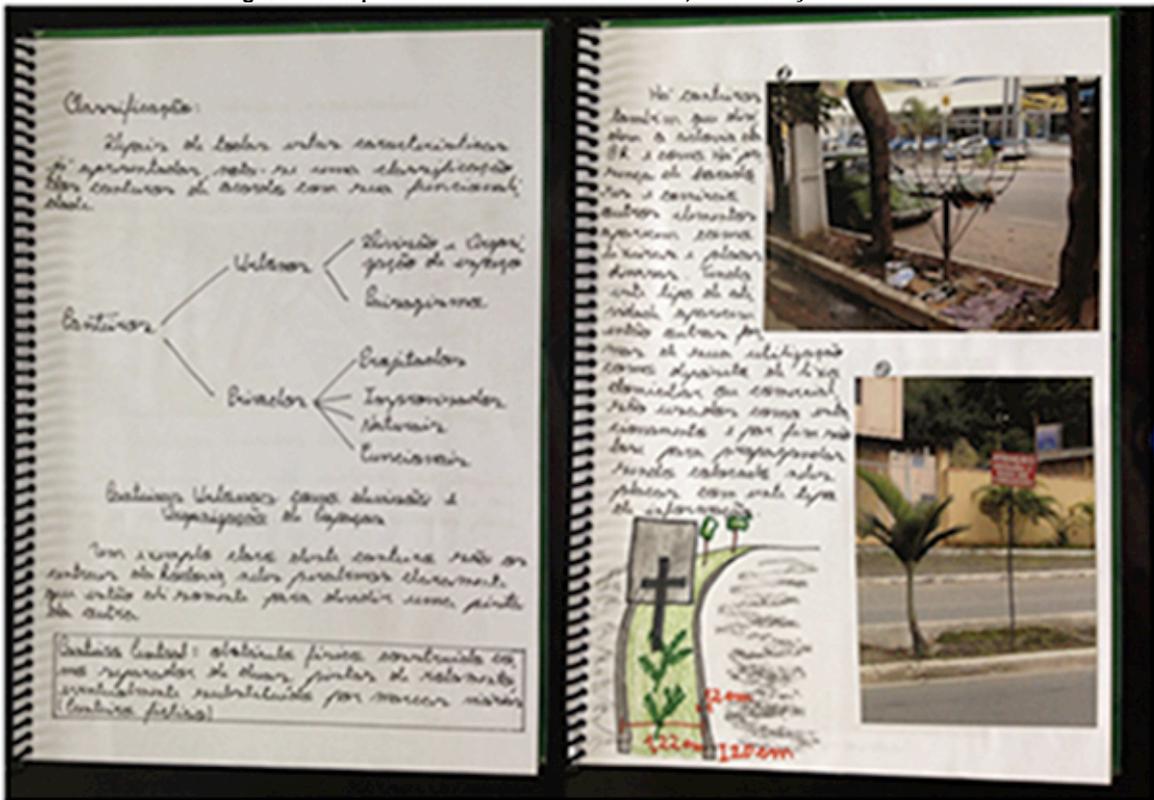
Fonte: Imagem realizada por Luílla Gomes, nov 2012.

Figura 02: Cadastro de vegetações espontâneas.



Fonte: Trabalho desenvolvido por Débora Milena, jun 2013.

Figura 03: Mapeamento de canteiros urbanos, classificação e análise.



Fonte: Imagens realizadas por Matheus Vieira, jun 2013.

Figura 04: Avaliação de sobreposições em determinada área urbana.



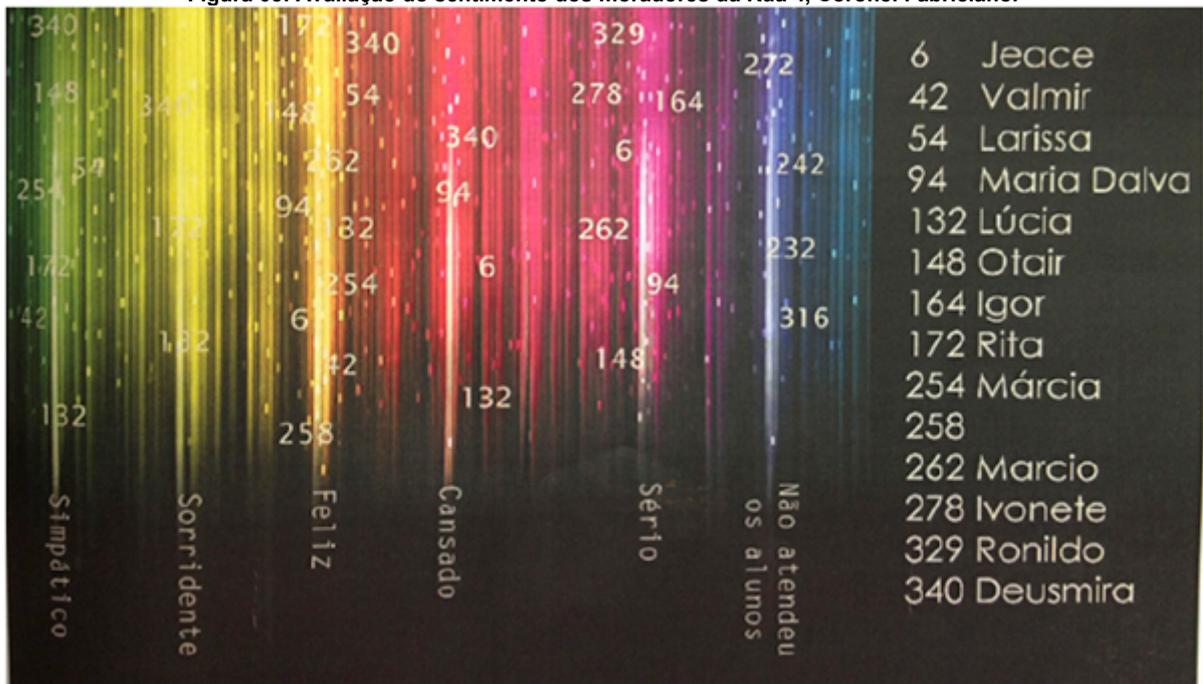
Fonte: Fotos realizadas por Tamires Boaventura, jun 2013.

Ao ser mapeado, um lugar passa a ser mais do que um simples local. Um olhar criterioso e analítico leva a compreensões de potencialidades peculiares e características de um sítio e abre espaço para o domínio de dimensões ainda não percebidas. O exercício da análise, considerando todo e qualquer evento que possa ocorrer nesse lugar, pode gerar uma estrutura organizacional de informações

interrelacionadas que mantêm uma dinâmica entre si como em uma máquina. É um sistema relacional, quando um elemento do processo se altera, o resto se altera também, propiciando uma nova visualização das experiências ou dos espaços vivenciados. Neste caso, acontece a aquisição de conhecimentos imediatos, concernentes a essa vivência e às relações sociais e culturais ali desenvolvidas.

O diagrama pode ser delineado como um meio de criação-operação-representação de relações espaciais e transformações formais que incorporam a processualidade conforme apresentado por SPERLING (2003). Algumas pesquisas na área da Ciência Cognitiva (CHANDRASEKARAN, GLASGOW e NARAYANAN, 1995) tem-se centrado em algumas funções dos diagramas que podem ser correlacionadas com o processo projetual como memória, imaginação, percepção, navegação ou senso de orientação, inferência e resolução de problemas (HOWELL, 1976; SOBER, 1976). Para DELEUZE (1993) o diagrama seria uma máquina abstrata, a emergência de um outro mundo, a possibilidade do fato e não o fato por ele mesmo. Por essa ótica, o diagrama como vir-a-ser é prévio a qualquer objeto e por isso não o representa, mas se constitui como sua possibilidade. Esta forma de representação também é usada pelos alunos para apresentar os mapeamentos e análises realizadas como pode-se perceber nas figuras 05 e 06.

Figura 05: Avaliação do sentimento dos moradores da Rua 4, Coronel Fabriciano.



Fonte: Diagrama realizado por Ragner Tompson, jun. 2010.

Figura 06: Representação do número de janelas e do acabamento das residências da Rua Caetés, Coronel Fabriciano.



Fonte: Diagramas realizados por Álef, Joicy e Júlio, jun 2011.

Entretanto, não são todos os alunos que conseguem estabelecer conexões entre os dados levantados, é difícil apresentar algo além do descritivo. Mesmo assim, nas orientações, discute-se ser fundamental enxergar as entrelinhas do cotidiano e verificar a inter-relação entre pessoas, meio, ações e tempo.

Após o conhecimento e a compreensão do local, o aluno tem em suas mãos um “mapa” capaz de sugerir possibilidades de estratégias para desenvolvimento de intervenções estruturadas e conectadas com o espaço estudado. Prossegue-se o exercício com a concepção e proposição de uma intervenção urbana, capaz de modificar o espaço para além do observar.

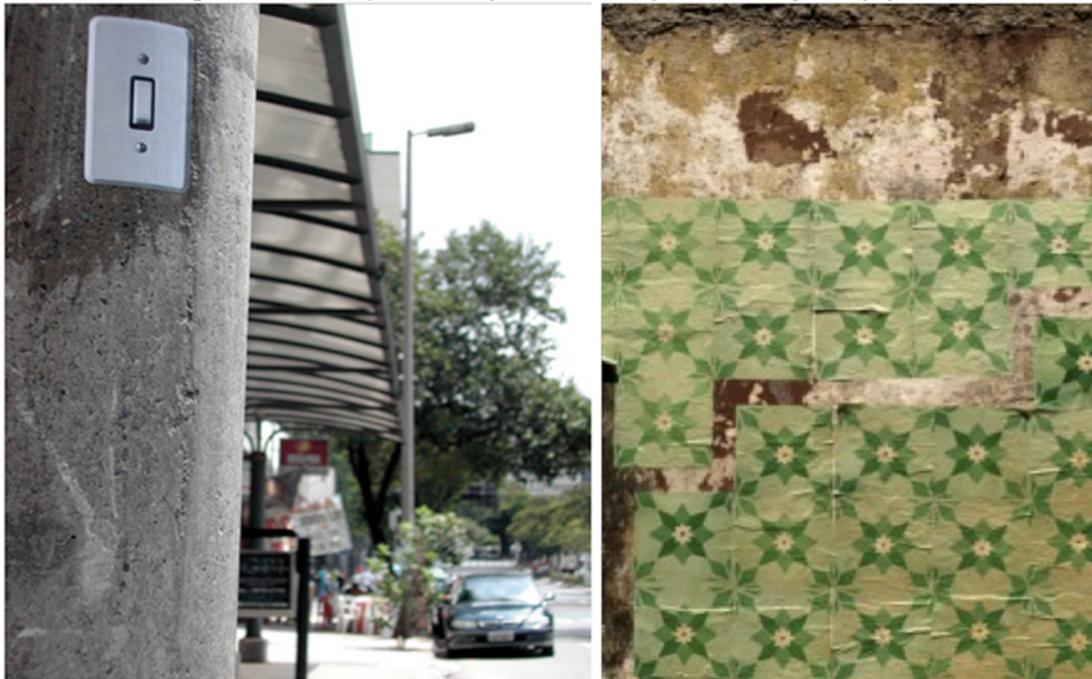
Intervir requer erguer questionamentos, novas possibilidades e discursos, modificando o cotidiano e a realidade. Intervir é apresentar novas sensações e interrogações, novas maneiras de interagir. Movimentando a cidade e seus usuários e agentes, a intervenção urbana modifica olhares e usos, gera novas retóricas, análises e discussões.

Vale ressaltar que intervir não significa, necessariamente, a elaboração de inéditas possibilidades de interação, nem mesmo a originalidade é uma premissa, mas sim de desvelar e apresentar modos de leitura e entendimento do existente, de evidenciar os comandos de controle do planejamento que governa o cotidiano.

Um dos coletivos de artistas estudados nesta etapa é o Grupo Poro de Belo Horizonte / MG que apresenta prospecções baseadas em possibilidades de vida mais simples e coletivas. Seus trabalhos, antes de serem resultantes de um processo de organização do cotidiano ou uma ferramenta de “agregar valor”, configuram uma estratégia de agenciamento do espaço produzido e vivido.

Em um capítulo de CAMPBELL E TERÇA-NADA (2011), Marques e Cançado comentam sobre dois trabalhos deste grupo - azulejos e os interruptores - que “legitimados como intervenção urbana e colados com destreza pela cidade, inventam de imediato a possibilidade da rua como extensão do doméstico e da casa como intenção pública”. As intervenções do Grupo Poro convertem a contemplação em ação - difícil não querer tocar o falso interruptor - e a leitura em escritura - impossível não continuar a paginar os muros com a imagem dos azulejos -, como visto na figura 07.

Figura 07: Intervenções do Grupo Poro -interruptores e azulejos de papel.



Fonte: Fotos realizadas por CAMPBELL e TERÇA-NADA, 2011.

As intervenções, apresentadas pelos alunos, mantêm um diálogo vivo e permanente com o tecido de eventos que margeiam e sustentam o lugar estudado. Para ilustrar o exercício aqui apresentado, serão colocados quatro exemplos de intervenções realizadas. As potencialidades dos espaços analisados permitem que as intervenções caminhem para além do olhar de contemplação, estabelece-se a dúvida, a diferença.

Intervir num espaço urbano tão particular de maneira singela foi a proposta da intervenção urbana dos alunos Fernanda Drumond, Louise Brasil, Túlio Jansen e Vinicius Matoso em novembro de 2012 no centro comercial do bairro Cariru em Ipatinga / MG. Segundo os alunos,

Pretendemos dar a esse lugar algo único, assim como ele próprio: trabalhamos com o cheiro. Cheiro é tudo. Ele particulariza e caracteriza situações e lugares. A memória olfativa humana está ligada as sensações que sentimos em determinadas situações que nos remete a lembrança de algo a partir dos sentidos. Tudo tem um cheiro particular e, essa característica única, possui identidade e contexto. (...) Usamos perfumes, colônias, desodorantes, shampoos, condicionadores, sabonetes, pensando no odor, e isso interfere diretamente no cotidiano de muitas pessoas. Mesmo que estimulado por uma brisa passageira ou de curta duração, uma breve manifestação odorífera é um batismo ao contexto. (texto retirado do trabalho apresentado pelos alunos na disciplina de Estúdio 1 do CAU / Unileste)

A partir do mapeamento, este grupo evidenciou o olfato para formular a intervenção de espalhar um forte odor por todo o centro comercial, ver figura 08. O cheiro foi uma arma tátil para esta situação, pois compreendeu todo o espaço, não criou divisões, subdivisões ou barreiras, mas sim encorpou e delimitou o lugar.

Figura 08: Intervenção Urbana -cheiro.



Fonte: Foto realizada por Luílla Gomes, nov 2012.

Neste mesmo semestre, o grupo de Lívia Maria, Luílla Gomes, Sâmela Paula e Paula de Bellis fez uma intervenção para mostrar o cotidiano de uma calçada, reformulando a forma deste espaço já ressignificado pelos usuários e comerciantes. A proposta discutia como os espaços são construídos a partir de interesses pessoais e coletivos, levantando questionamentos sobre a área destinada a pedestres e a redução da mobilidade. A proposta elucidava relações, conflitos e obstáculos. O cotidiano desse espaço foi reformulado a partir do olhar e observação, antes despercebido, agora questionado e demonstrado. “Antes caminhos e obstáculos não eram notados, agora são examinados e questionados” explicava o grupo no texto de apresentação do trabalho.

A proposta utilizava de uma calçada, um teto existente sobre esta e um projetor. Este último duplicava, invertido e virtualmente, o desavisado transeunte dessa

mesma calçada, como apresenta a figura 09. Usa-se de uma “reprodução” local e em tempo real, objetivando e subjetivando o espaço, levantando outras possibilidades. É uma ação desinteressada a princípio, “mas violenta por ladear a tentação do repouso”, como sugere Artoud (1987).

Figura 09: Intervenção Urbana –mobilidade invertida.



Fonte: Foto realizada por Luílla Gomes, nov 2012.

Trabalhar com o conceito de paisagem invertida também foi a proposta de Anna Letícia, Érica Ferraz e Renata Salas quando perceberam que ao final da Rua 4, em Coronel Fabriciano, existia uma longa e íngreme escada. Segundo as alunas,

Estávamos na Rua 4, em busca de qualquer coisa que saltasse aos olhos e sobe Dona Maria, carregando muitas sacolas. Oferecemos ajuda. Ela negou, mas nós a acompanhamos mesmo assim. Subindo a escada, com seus absurdos 199 degraus, tivemos uma conversa, algumas vezes interrompida pelo cansaço. A chegada à casa de Dona Maria foi muito esperada e ao olharmos para trás ficamos extasiadas com a paisagem. A senhora, no entanto, pareceu não se importar e entrou em casa com o passo apressado. A rotina ignora o ordinário. (texto retirado do trabalho apresentado pelo grupo na disciplina de Estúdio 1 do CAU / Unileste).

As alunas decidiram mapear a paisagem desconsiderada ao subir a escada e fizeram um vídeo resultado de fotografias em cada degrau, como se estivessem subindo de costas. Este vídeo pode ser acessado em: <http://www.youtube.com/watch?v=liAxMIUTGIU>. Elas propuseram fazer perceber o corriqueiro e esquecido. Colocaram no corrimão um retrovisor capaz de revelar o que fica para trás refletindo imagens escolhidas para não se ver, como apresentado nas figuras 10 e 11.

Figura 10: Montagem da intervenção urbana paisagem desprezada.



Fonte: Foto realizada por Anna Letícia, jun 2010.

Figura 11: Intervenção Urbana – paisagem desprezada.



Fonte: Foto realizada por Anna Leticia, jun 2010.

Outra intervenção realizada foi na Rua Caetés, também em Coronel Fabriciano, pelo grupo de Deyliane Bicalho, Kenya Aguiar e Kely Cristina. Este local apresenta um costume de se construir casas no limite da rua e transformar as calçadas em parte integrante das residências usando tapetes, bancos e vasos externos, como pode ser visto na figura 12 a seguir.

Figura 12: Calçadas da Rua Caetés: discussão entre público e privado.



Fonte: Fotos realizadas por Deyliane Bicalho, jun 2011.

Os questionamentos provenientes desta prática foram os seguintes: “É por causa da simplicidade? Até onde isso é ilegal? Não incomoda? Até onde vai o público e o privado?” e diante desta realidade, os alunos pintaram algumas calçadas com o mesmo tom das casas, como pode ser visto nas figuras 13 e 14.

Figura 13: Montagem da intervenção urbana Sem Limite.



Fonte: Foto realizada por Deyliane Bicalho, jun 2011.

Figura 14: Uma das cinco calçadas da Intervenção Urbana - Sem Limite.



Fonte: Foto realizada por Deyliane Bicalho, jun 2011.

Esta intervenção ressalta a extensão das calçadas e apresenta a discussão entre interno e externo e entre espaço privado e público. Não trata-se de uma intervenção higienista, uma ajuda ou melhoria das residências alteradas, mas sim de um aprofundamento da situação existente, a particularização do lugar mapeado e a recriação de uma paisagem, conceitos complexos, mas fundamentais para alunos ingressantes em cursos de Arquitetura e Urbanismo.

É a partir da reflexão e realização de uma intervenção urbana que se começa o primeiro contato com os preceitos de Urbanismo no CAU / Unileste. Usa-se da região do Vale do Aço como o local de realização das propostas, pois acredita-se que o aprendizado não acontece alienado da realidade cotidiana, mas só se constrói quando experimentado em situações concretas de vida, num ambiente intelectualmente rico e estimulante.

CONCLUSÃO

Neste artigo apresentou-se o exercício Intervenção Urbana proposto para os alunos do primeiro período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Unileste. Dois verbos foram colocados em evidência: *mapear* que permite compreender, experimentar e descondicionar o olhar sobre um lugar e *intervir* que leva o aluno a propor e a questionar a realidade imediata sem perder de vista a realidade do local da intervenção. Neste exercício, o espaço é reinventado, é ressignificado, muda do concreto e mostra abstrações.

É um exercício que considera outras formas de aprendizado que culminam na formação de um profissional mais propositivo e mais consciente do papel dos processos sociais e culturais na conformação social, urbano e ambiental de uma região. Com este exercício, como dito anteriormente, coloca-se em prática novas possibilidades de atuação na esfera urbana apresentando procedimentos, raciocínio projetual e metodologias de ação para alunos ingressantes em um curso de Arquitetura e Urbanismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARTAUD, A. O Teatro e seu Duplo. São Paulo: Editora Max Limonad Ltda, 1987.
- CAFFÉ, Carla e BEIGUELMAN, Giselle. São Paulo na Linha. São Paulo: DBA, 2000.
- CAMPBELL, Brigida e TERÇA-NADA, Marcelo (orgs.). Intervalos, Respiros, Pequenos deslocamentos: Ações poéticas do Poro. São Paulo: Radical Livros, 2011.
- CERTEAU, Michael de. A invenção do cotidiano: artes do fazer. Petropolis: Vozes, 2000.
- DELEUZE, G.: 1993, The diagram, in BOUNDAS C. V. (ed), The Deleuze Reader. New York: Columbia University Press, 1993, pp. 194-199.
- GLASGOW, J., NARAYANAN, N. H. e CHANDRASEKARAN, B. Diagrammatic Reasoning: Cognitive and Computational Perspectives. Cambridge: AAAI Press/MIT Press, 1995.
- HOWELL, R.: 1976, Ordinary Pictures, Mental Representations, and Logical Forms, Synthese, 33, pp. 149-174.
- Revista Urbânia 3. Disponível em: <http://urbaniania4.org/wp-content/uploads/2010/10/revista-urbaniania-3.pdf>. Acesso em 25 de junho de 2013.
- SOBER, E. Mental Representations. In Synthese, 33, 1976, pp. 101-148.
- SPERLING, D. M. Arquiteturas contínuas e topologia - similaridades em processo. São Carlos, 229p. Dissertação (Mestrado), Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2003.